Alunos "nota 10" sentem peso de pressões

Carlos Alberto Silva

FOTOS/ JOAQUIM FIRMINO

Cristiano Granjeiro

Manoela Nonô

Júlio Hiroshi

Eles são os "rachadores", aqueles alunos a quem outros chamam de "geninhos", e nem sempre carinhosamente. A inveja e o preconceito dos ditos "normais" carregam nas cores e no preconceito e, de "alunos nota dez", os precoces rachadores são pintados como rapazinhos ou mocinhas problemáticos, avessos ao convívio com seus colegas e portanto, sempre, os indefectíveis óculos do tipo "fundo-de-garrafa".

Já dizia Oscar Wilde que, de perto, ninguém é normal. E Machado de Assis, asseverava que, ao pé da letra, não existiriam hospícios suficientes para abrigarem todos os malucos que circulam por aí, dizendo-se normais. De perto, cara a cara com os rachadores, o que se depreende é que eles são bem "normais". Adolescentes, são como os demais menos aquinhoados de inteligência: namoram, têm amigos que abominam estudar — e brincam de gente grande, como se já não o fossem, apesar da idade, e seus colegas estão divididos entre a inveja e atietagem.

Assim são Manoela Nonô, Júlio Hiroshi e Cristiane Granjeiro, três dos muitos e "normais" alunos nota dez do Curso Objetivo, todos tiram dez em tudo.

Linda e comunicativa aos 16 anos de idade, Manoela é a melhor aluna do Objetivo, a "rachadora-mor" em meio aos muitos rapazes bem-dotados do colégio. "Não sou feminista, e nem me orgulho de ser melhor do que ninguém, a nota dez é tão-somente um acidente, consequência mais do meu amor pelo conhecimento do que, propriamente, do afã obsessivo de estudar, que decididamente não possuo".

Com um Q.I. 130, a moça admite um "dilaceramento interior", ao ter que dividir-se entre a razão e a emoção. Filha e neta de advogados — o pai é promotor de Justiça e deputdo federal por Alagoas — Manoela ainda não sabe se vai ser advogada ou engenheira de computação. Mas, em questões sentimentais, é só razão: "desmanchei meu namoro em Maceió, depois de oito meses — não daria certo, estando ele lá e eu aqui". Pensa em morar sozinha em São paulo, um dia, mas, agora, "tenho que acompanhar meu pai deputado, que está em Brasília". Acredita que o futuro é a informática, a computação, mas não tem micro em casa, embora seja "cobra" na matéria, em sala de aula.